

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E LITERATURA COM ÊNFASE NOS
GÊNEROS DO DISCURSO

Lilian de Oliveira

A Leitura: uma influência para a (des) construção da identidade

CRICIÚMA, julho de 2013.

Lilian de Oliveira

A Leitura: uma influência para a (des) construção da identidade

Monografia apresentada ao Setor de pós-graduação da Unesc como um dos requisitos para a conclusão do curso de Especialização em Língua e Literatura com Ênfase nos Gêneros do Discurso.

Orientador: Gladir da Silva Cabral

CRICIÚMA
2013.

RESUMO

A leitura está inserida no currículo escolar, no processo de ensino e aprendizagem, desde as séries iniciais. Busca-se com este trabalho analisar o uso, a finalidade e a repercussão da leitura inserida nos gêneros do discurso. O problema a ser diagnosticado se remete a um aspecto muito importante, isto é, analisar em que medida a leitura exerce influência na construção de identidade do leitor. Sabe-se que a linguagem proporciona a relação social comunicativa das mais variadas formas seja por meio da linguagem verbal ou não verbal, falada ou escrita, na língua materna ou estrangeira. A linguagem discursiva realiza um processo de transmissão e também de aquisição do conhecimento. Transmitir o conhecimento é desempenhar a ação de envolver a linguagem para falantes de determinado meio social. Busca-se com este trabalho analisar o uso, a finalidade e a repercussão da leitura inserida nos gêneros do discurso, para isto aplicou-se questionário para 40 alunos do 8º ano e 53 alunos do 9º ano da Escola de Ensino Fundamental Cristo Rei.

Palavras-chave: Ensino. Língua. Linguagem. Leitura. Gêneros discursivos. Identidade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	05
2. LINGUAGEM E LEITURA.....	07
2.1. A DISCIPLINA DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	08
3. LEITURA: UM ELEMENTO NECESÁRIO AO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM.....	10
3.1 REFLEXÕES SOBRE ASPECTOS METODOLÓGICOS DE ENSINO E APRENDIZADO DA LEITURA NA ESCOLA.....	13
3.2. LEITURA: ACESSO AO CONHECIMENTO PRODUZIDO.....	16
4. A INFLUÊNCIA DA LEITURA PARA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO LEITOR.....	19
5. METODOLOGIA.....	22
6. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	24
7. CONCLUSÃO.....	32
REFERÊNCIAS.....	33
APÊNDICE.....	35
ANEXOS.....	36

1 INTRODUÇÃO

A linguagem é um mecanismo de extrema importância para a interação social. As formas que o ser humano tem para interagir são diversas e desde muito cedo aprendemos e sentimos a necessidade de nos comunicar. Sabe-se, então, que a linguagem proporciona a relação social comunicativa das mais variadas formas, seja por meio da linguagem verbal ou não verbal, falada ou escrita, na língua materna ou estrangeira.

Outro fator importante é que a linguagem discursiva realiza um processo de transmissão e também de aquisição do conhecimento. Transmitir conhecimento é desempenhar a ação de envolver a linguagem para falantes de determinado meio social. A comunicação é um processo complexo interligado nas relações sociais. É importante lembrar que a escrita e a fala acompanham os mais diversos meios de comunicação e apresentam os mais variados gêneros e discurso.

A leitura está inserida no processo de ensino e aprendizagem desde a educação infantil, seja por meio da interpretação de gravuras ou pela decodificação de palavras isoladas. Sendo assim, o gosto pela leitura se inicia no jardim de infância, com a narrativa de histórias infantis, ou mesmo na família da criança.

A partir do ensino fundamental, o objetivo da leitura acaba dispersando do mundo da fantasia e da imaginação para nortear aspectos de disciplinas curriculares na busca de aquisição de conhecimento. Assim, a essência da leitura fica adormecida.

O problema a ser diagnosticado se remete a um aspecto muito importante, isto é, analisar em que medida a leitura exerce influência na construção de identidade de um povo, um leitor ou até mesmo do ensino escolar.

Com o presente trabalho, busca-se uma reflexão sobre o estímulo à leitura tanto no âmbito escolar como na particularidade de um indivíduo e sobre a influência que ela tem na construção da identidade do leitor. Ainda, é necessário lembrar que a análise é focada no processo de leitura, que é um dos mecanismos linguísticos. Por isso, a leitura é um recurso bastante ressaltado no decorrer do trabalho. Dessa forma, este estudo tem por objetivo pesquisar a importância dada à leitura pelos leitores selecionados e, posteriormente, diagnosticar a influência que a leitura tem na construção da identidade dos leitores.

No primeiro capítulo discorre-se sobre a linguagem e a leitura, também acerca da disciplina de Língua Portuguesa, bem como os gêneros textuais.

No segundo capítulo, a princípio, faz-se breve comentário sobre a leitura como um elemento necessário ao processo de ensino, continuando com reflexões sobre aspectos metodológicos de ensino e aprendizado da leitura na escola e finalizando com o tema da leitura enquanto acesso ao conhecimento produzido.

Finalizo com o terceiro capítulo, onde se aborda a influência da leitura para a construção de identidade do leitor, trazendo os questionários aplicados às turmas dos anos finais do ensino fundamental.

Em relação aos procedimentos metodológicos, esta pesquisa caracteriza-se como estudo de caso com pesquisa descritiva de abordagem qualitativa. O questionário foi aplicado aos alunos da Escola de Ensino Fundamental Cristo Rei, de Cocal do Sul. Feita a coleta dos dados, realizou-se a comparação e a análise dos dados, assim como o aprofundamento do conhecimento do tema em questão. O problema aqui abordado remete a um aspecto muito importante do processo educativo, isto é, analisar em que medida a leitura exerce influência na construção de identidade do leitor.

2 LINGUAGEM E LEITURA

A atividade humana está relacionada ao uso da linguagem, da comunicação que se dá por meio de enunciados, sejam eles orais ou escritos, desenvolvidos por determinadas esferas sociais comunicativas. Refletem condições específicas e estilos verbais, concretizando-se em gêneros do discurso. O estilo linguístico ou funcional representa um gênero de determinada esfera da comunicação humana, por isso há uma inesgotável diversidade de gêneros discursivos (literários, ideológicos, científicos, familiares, etc.). Pela linguagem o ser humano consegue expressar sentimentos, emoções e pensamentos. Sendo assim, ela é um instrumento de comunicação entre aqueles que dela fazem uso.

Quanto ao seu surgimento, para Eugen Rosenstock-Huessey a linguagem teria surgido pela imitação dos gestos. Segundo ele, a origem da linguagem é questão tão legítima quanto qualquer outra questão de origem. Isso quer dizer que ela possui aquela limitação que é central a qualquer dessas questões (2002, p. 37).

Quanto à leitura, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), para o ensino fundamental a proposta de ensino da Língua Portuguesa parte de uma concepção de língua e linguagem como forma ou processo de interação e considera o texto como ponto de chegada e de partida no ensino de Língua Portuguesa. Constata-se, então, a importância do ensino da leitura.

O primeiro estágio da leitura corresponde à alfabetização e agrupamento das palavras. A partir dessa reflexão, entendemos que primeiro soletramos, agrupamos as palavras.

Alfabetização é o processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e escrever, ou seja: o domínio da tecnologia – do conjunto de técnicas – para exercer a arte e ciência da escrita. Ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita denomina-se *Letramento* que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos. (RIBEIRO, 2003, p. 91)

No segundo estágio realiza-se o que corresponde à interpretação de texto, ou seja, descobrir o sentido que o autor quis dar a seu texto, buscar a mensagem do mesmo.

2.1 A DISCIPLINA DE LÍNGUA PORTUGUESA

A Língua Portuguesa foi inserida como disciplina curricular em nosso país depois de muito tempo, visto que quando o Brasil era uma colônia predominavam como línguas o português (do colonizador), a língua geral e o latim. Por volta de 1750 o Marques de Pombal implantou reformas no ensino, “tornou ele, obrigatório o uso da língua portuguesa no Brasil, proibindo o uso de quaisquer outras línguas” (SOARES, 1988, p. 157).

Nos anos 1980, a linguística começa a beneficiar a disciplina de Língua Portuguesa e a teoria gramatical é abolida no ensino. Agora os objetivos do ensino de Língua Portuguesa direcionam-se ao uso e reflexão da linguagem, propiciando o desenvolvimento das habilidades da fala, da escuta, da leitura e da escrita, além de priorizar o texto como objeto de estudo.

O ensino fundamental passa a ser o alvo; o ponto central, a leitura e a escrita. Surge a necessidade de se reestruturar o ensino de Língua Portuguesa. As práticas pedagógicas são revistas e propõe-se um deslocamento do ensino centrado na gramática escolar para o ensino de práticas de linguagem.

Essa proposta de reestruturação culmina com a publicação, pelo Ministério da Educação em 1997, dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino fundamental, cuja proposta de ensino parte de uma concepção de língua como forma ou processo de interação e considera o texto como ponto de chegada e de partida no ensino de Língua Portuguesa.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), durante os últimos anos a crítica ao ensino da Língua Portuguesa centrado em tópicos de gramática escolar e as alternativas teóricas apresentadas pelos estudos linguísticos, principalmente no que se refere à consciência dos fenômenos enunciativos e à análise tipológica dos textos, permitindo uma visão muito mais funcional da língua, o que provocou alterações nas práticas escolares.

Na atualidade, o processo de ensino exige novos procedimentos. Castro (2004, p. 1), em seu artigo “O Professor e o Mundo Contemporâneo”, contribui dizendo que:

Os novos tempos exigem um padrão educacional que esteja voltado para o desenvolvimento de um conjunto de competências e de habilidades

essenciais, a fim de que os alunos possam fundamentalmente compreender e refletir sobre a realidade, participando e agindo no contexto de uma sociedade comprometida com o futuro.

A renovação das ideias de ensino, dos métodos, das pedagogias é uma necessidade, isto será possível com diálogo e menos rigidez, o professor tem a tarefa de fazer de suas aulas algo prazeroso e não penoso.

Na atualidade o ensino da Língua Portuguesa tem o texto como objeto de estudo. Pode-se dizer que a qualidade de um texto não está apenas na sua escrita correta, mas também o texto deve ser “bem ordenado, claro, interessante e adequado aos seus objetivos e aos seus leitores” (ANTUNES, 2003, p. 116). O texto é um recurso que promove a internalização do conhecimento, por sua vez a leitura está vinculada ao cotidiano cultural e social.

3 LEITURA: UM ELEMENTO NECESSÁRIO AO PROCESSO DE ENSINO

A leitura é um hábito que deve ser iniciado ainda em casa, com o incentivo da família. Desde muito cedo, a criança percebe que os livros são importantes e fica fascinada com o mundo que as palavras lhe escondem e quer descobrir o que está oculto neles.

Motivar o prazer pela leitura não é uma das tarefas mais fáceis, todavia é uma das mais gratificantes que se possa conquistar ao longo da carreira. É importante que, nas aulas de leitura, o aluno faça perguntas, levante hipóteses, confronte interpretações, conte sobre o que leu e não apenas faça questionários de perguntas e respostas de localização de informações, e este processo é mediado pelo professor.

É necessário refletir sobre o ato de continuar ensinando a ler em todas as séries e níveis de ensino, como também é fundamental ter um conjunto de possibilidades que permitam ampliar o universo de leitura dos alunos, propiciando a formação do leitor.

A criança que lê desde cedo, principalmente se for acompanhada pelos pais, é beneficiada em diversos sentidos: ela aprende melhor, pronuncia melhor as palavras, desenvolve a criatividade, a imaginação e adquire cultura. A pessoa que realmente lê

Não age apenas codificando, isto é, juntando letras, sílabas, palavras, frases, porque ler é muito mais que decodificar. Ler é atribuir sentido. E ao compreender o texto como um todo coerente, o leitor pode ser capaz de refletir sobre ele, de criticá-lo, de saber como usá-lo em sua vida. (CAFIERO, 2010, p. 86)

Segundo Góes, “[o] contato com os livros deve ser iniciado o mais cedo possível e, embora de modo geral, dissemos como: pelo diálogo, contato mãe-filho, pela história contada, pelo livro ao alcance da criança como qualquer brinquedo costuma ficar” (1984, p. 35).

Sobre a função da escola, Coelho diz que:

A escola é um espaço privilegiado, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. E nesse espaço, privilegiamos os estudos literários, pois, de maneira abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente, a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro. (2000, p. 16)

Sobre a função e a importância da escola na movimentação para formação de leitores, Rosing contribui:

A movimentação pela formação de leitores no Brasil identifica uma primeira necessidade: reconhecendo-se, na atualidade, a importância da instituição escola como centro de difusão educacional, cultural e tecnológica, onde deve ocorrer o processo de formação de dados em informações e de informações em conhecimento entre professores e alunos, impõe-se urgentemente a formação de professores leitores no exercício da docência a partir de novos parâmetros. (2009, p. 129)

É por isso que a leitura deve ser prazerosa e não uma obrigação, para que o jovem leitor comece a fazer parte do mundo da leitura, valorizando os livros numa mescla de imagens e de escrita.

Em cada livro lido há uma ideia nova, uma descoberta importante que favorece a ampliação de horizontes de cada leitor. Por isso, sabe-se que os pais dos alunos devem ser os incentivadores na realização do processo de por meio da leitura.

Em parte, a leitura é um ato individual e voluntário que pertence a cada aluno. Entretanto, a criança está inserida na escola, e o professor desempenha um papel muito importante: ensinar a ler e a gostar de ler. Para isso, textos dirigidos a um público que está começando a ler devem conter vocabulário apropriado ao nível de ensino, assim como também devem ser ilustrados de modo a facilitar a leitura visual.

A leitura não pode ser mero pretexto para realizar atividades de gramática, mesmo os livros didáticos devem favorecer o desenvolvimento de habilidades específicas. Sabe-se que o contato com o mundo faz com que as pessoas, independentemente da idade, comecem a interagir com textos e a realizar atos de leitura. Risso (2010, p. 1) comenta que, no processo da leitura, “o indivíduo começa a dar significado e a compreender o que o cerca”. Vê-se, então, que esse processo de aprendizado se dá de forma natural, em interação com o mundo. Ele se dá em sociedade, na relação entre os indivíduos. Apesar de ser natural, não é um processo fácil, mas sim complexo e exigente. Freire (1986, p. 2) complementa dizendo que a “leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”.

A leitura desenvolve o repertório linguístico, liga o senso crítico na tomada de decisões, amplia o conhecimento em geral, aumenta o vocabulário, estimula a

criatividade, emociona e causa impacto, muda a vida e facilita a escrita, dá prazer e deleite. E se o professor puder proporcionar isto aos alunos será vencedor na tarefa de ensinar e aprender.

Irlandé Antunes (2003) enfatiza que a atividade da leitura favorece, num primeiro plano, a ampliação dos repertórios de informações do leitor, pois o mesmo pode incorporar novas ideias, novos dados e diferentes informações acerca das pessoas, dos acontecimentos e do mundo em geral. A autora continua destacando que, num segundo plano, a leitura possibilita a experiência gratuita do prazer estético, que seria o ler pelo simples gosto de ler. Num terceiro plano se aprende o vocabulário específico de certos gêneros de textos ou de certas áreas do conhecimento e da experiência. A autora afirma ainda que:

É pela leitura, ainda, que apreendemos os padrões gramaticais (morfológicos e sintáticos) peculiares à escrita, que aprendemos as formas de organização sequencial (como começam, continuam e acabam certos textos) e de apresentação (que formas assumem) dos diversos gêneros de textos escritos. A exposição pela leitura, é claro, a bons textos escritos é fundamental para a ampliação de nossas competência discursiva em língua escrita. É esta tríplice função, implicada na realização da leitura (ler para informar-se; ler para deleitar-se; ler para entender as particularidades da escrita), que justifica a sua tão propalada conveniência. (ANTUNES, 2003, p. 75-76)

Dessa forma, percebe-se a importância do ato de ler, para tanto é fundamental habituar a criança às palavras e, se esta prática fizer com que a criança tenha sistematicamente uma experiência positiva, então se estará promovendo o desenvolvimento do ser humano.

Cabe a nós estar conscientes da importância de nosso papel e amparar, reerguer, reavivar os sentimentos, valores e atitudes que poderão renovar a confiança em dias melhores. Várias são as formas de conduzir o barco da história na direção mais eficaz do sucesso da aventura humana. Uma delas é lançando um olhar mais atento às grandes histórias, de modo a aprender seus ensinamentos com maior competência. (CHALITA, 2003, p. 12 *apud* BRITO; GUEDES, 2008)

A leitura, aliada à reflexão dialogada de acordo com a necessidade do educando, permite aos adolescentes e jovens perceber o mundo de forma mais crítica e prazerosa, pois de acordo com Brito e Guedes (2008) as “narrativas [...] são fecundas para impregnar de impressões positivas e provocar reflexões nas crianças, jovens e nos adultos, abrindo a perspectiva de uma proposta de educação [...]”.

Considerando um pouco da realidade vivida pela infância brasileira, percebe-se que os professores são, hoje em dia, os principais agentes de promoção da leitura junto às crianças, por isso mesmo, as atividades de fomento e de orientação da leitura exigem dos mestres um adequado repertório de conhecimentos.

3.1 REFLEXÕES SOBRE ASPECTOS METODOLÓGICOS DE ENSINO E APRENDIZADO DA LEITURA NA ESCOLA

A afirmação que a “escola não estimula a formação de leitores” já é uma constatação de domínio comum. Embora não se possa generalizá-la, há grande suspeita de que a prática escolar não capacita os alunos a lerem e entenderem manuais, relatórios, poemas, tabelas e outros tipos de textos.

Segundo Antunes (2003), mesmo sem perder de vista que muito empenho vem sendo demonstrado (e com alguns resultados evidentes) no sentido de deixar a escola em condições de mais qualidade, é possível constatar, no que se refere às atividades de ensino da leitura, uma prática tradicional, em que prevalece uma metodologia estrutural.

Como explica a autora, o que acontece na escola é uma atividade de leitura centrada nas habilidades mecânicas de decodificação da escrita, sem dirigir a aquisição de tais habilidades para a dimensão da interação verbal. Sabe-se, ainda, que a atividade de leitura puramente escolar, sem gosto, sem prazer, converte-se em momentos de treino. Assim, reduz-se a momentos de exercícios com interesses avaliativos, podendo ser citadas aqui, por exemplo, as fichas de leitura.

A atividade de leitura eficaz deve privilegiar aspectos que vão além de localizar determinada informação no texto, devendo buscar a compreensão, a finalidade do texto, o argumento principal, o reconhecimento do conflito que provocou o enredo da narrativa, entre outros aspectos.

A compreensão deturpada que se tem da gramática da língua e de seu estudo tem funcionado como um imenso entrave à ampliação da competência dos alunos para a leitura de textos adequados e relevantes ao seu meio, consolidando o pensamento de alguns educadores de que não sobra tempo para a leitura.

Alguns métodos de ensino tendem a matar o prazer de aprender. A sala de aula, todavia, deveria ser um espaço para a livre expressão de ideias e ações,

além de viver em liberdade com responsabilidade. O aluno possui todas as qualidades e condições de superar-se, mesmo diante das opressões de uma sociedade desigual e excludente. O ato de pensar com inteligência ainda é a única saída segura para resolver os dilemas existenciais.

A pedagogia precisa despertar no íntimo do aprendiz o desejo de sair também da condição de desprazer e apatia. Nessa perspectiva, caberia à educação: "expulsar esta sombra (opressão) pela conscientização é uma das fundamentais tarefas de uma educação realmente libertadora e por isto respeitadora do homem como pessoa" (FREIRE, 1986, p. 37).

A sala de aula aparece nesse contexto como um lugar que propicia as condições de pensar sobre e descobrir a possibilidade de conquistar e realizar os sonhos. O educador deve ter consciência das dificuldades do aluno, que está envolvido numa subcultura a qual não valoriza a oportunidade e a igualdade de direitos. Ora, quando não existe o ambiente de diálogo e liberdade de expressão, podemos considerar que há uma prática autoritária que, usando certo tipo de pedagogia, ensina a importância de calar a boca, de saber-se sempre sem razão; esse educador pratica uma educação opressora e coercitiva.

Portanto, torna-se fundamental a reflexão sobre a prática pedagógica. Essas reflexões conduzem a novas reflexões, clareando as dúvidas e levando a novas compreensões, um movimento que não cessa, pois o ser humano está em constante evolução.

O professor precisa estar preparado para respeitar, aceitar e saber trabalhar as diferenças, não pode acovardar-se e deixar que o medo e a incerteza invadam seu fazer pedagógico, ou que cheguem a tal ponto de impossibilitá-lo do avanço nas práticas de aprendizagens relevantes. Para tanto sabemos que o professor necessita de apoio e investimento, acompanhamento técnico e pedagógico, ele precisa saber que não está só, e esta tarefa não é algo pessoal seu, mas de toda sociedade. Segundo Freire (2001, p. 78), o professor desempenha o papel fundamental de "contribuir positivamente para que o educando vá sendo o artífice de sua formação com a ajuda necessária do educador".

A escola precisa prover ao aluno o acesso ao conhecimento, à sistematização e, a partir daí, à produção de novos conhecimentos. Por isso ela deve preocupar-se com a formação de um homem consciente e participativo na sociedade em que está inserido. A escola é responsável pela formação integral do

aluno em suas múltiplas dimensões. Dessa forma, cabe a ela propiciar o ambiente adequado para esta proposta tornar-se realidade.

É preciso transformar a vida da aula e da escola, de modo que se possam vivenciar práticas sociais e intercâmbios acadêmicos que induzam à solidariedade, à colaboração, à experimentação compartilhada, assim como a outro tipo de relações com o conhecimento e a cultura que estimulem a busca, a comparação, a crítica, a iniciação e a criação. (PÉREZ GÓMEZ, 1998, p. 26)

E promover o homem, conforme Saviani (1980, p. 52), é “torná-lo cada vez mais capaz de conhecer os elementos de sua situação a fim de poder intervir nela transformando-a no sentido da ampliação da liberdade, comunicação e colaboração entre os homens”.

A escola é uma instituição social com objetivo explícito: o desenvolvimento das potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos alunos, por meio da aprendizagem dos conteúdos (conhecimentos, habilidades, procedimentos, atitudes, e valores) que, aliás, deve acontecer de maneira contextualizada desenvolvendo nos discentes a capacidade de tornarem-se cidadãos participativos na sociedade em que vivem. (COSTA, 2013, p. 3)

Eis o grande desafio da escola: “fazer do ambiente escolar um meio que favoreça o aprendizado, onde a escola deixe de ser apenas um ponto de encontro e passe a ser, além disso, encontro com o saber, com descobertas de forma prazerosa e funcional” (LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSCHI, 2005, p. 117). Dessa forma, os objetivos da escola devem ser:

1. Promover o desenvolvimento de capacidades cognitivas, operativas e sociais dos alunos (processos mentais, estratégias de aprendizagem, competências do pensar, pensamento crítico), por meio dos conteúdos escolares.
2. Promover as condições para o fortalecimento da subjetividade e da identidade cultural dos alunos, incluindo o desenvolvimento da criatividade, da sensibilidade, da imaginação.
3. Preparar para o trabalho e para a sociedade tecnológica e comunicacional.
4. Formar para a cidadania crítica, isto é, formar um cidadão-trabalhador capaz de interferir criticamente na realidade para transformá-la e não apenas formar para o mercado de trabalho.
5. Desenvolver a formação para valores éticos, isto é, formação de qualidades morais, traços de caráter, atitudes, convicções humanistas e humanitárias. (LIBÂNEO, 2004, p. 53-54)

O ensino, dentro de um trabalho coletivo, proporciona socialização da riqueza intelectual que leva a interferir na realidade, modificando-a, num movimento

em que o estudante é desafiado a analisar criticamente todo o processo, apropriando-se do conhecimento, tornando-se ético, crítico, atuante, compromissado, responsável, determinado. O educador, então, dentro desse planejamento, busca a criatividade do pensar universal que leve à proposta educacional almejada pela escola, para que os entraves do individualismo deem lugar ao trabalho coletivo, onde a realização do trabalho pedagógico se concretize.

Libâneo, Oliveira e Toschi (2005, p. 302) colocam que, para tal feito, precisa-se de:

Características organizacionais positivas eficazes para o bom funcionamento de uma escola: professores preparados, com clareza de seus objetivos e conteúdos, que planejem as aulas, cativem os alunos. Um bom clima de trabalho, em que a direção contribua para conseguir o empenho de todos, em que os professores aceitem aprender com a experiência dos colegas.

Esse encontro com o saber, com as descobertas, de forma prazerosa e funcional, possibilita a construção crítica do conhecimento, criando momentos de reflexão sobre a realidade vivida.

3.2 LEITURA: ACESSO AO CONHECIMENTO PRODUZIDO

A atividade da leitura favorece, num primeiro momento, a ampliação do repertório de informação do leitor. Na verdade, por meio dela a pessoa pode incorporar novas ideias, novos conceitos, novos dados, novas e diferentes informações acerca das coisas, das pessoas, dos acontecimentos e do mundo em geral. Nesse sentido, como explica Antunes (2003), para ela a leitura escolar dos textos de outras disciplinas representa uma oportunidade bastante significativa de aquisição de novas informações, porque as informações de um texto de Geografia ou de História podem ser bastante relevantes para apoiar os argumentos apresentados num comentário, por exemplo.

A quase extrema obviedade de certos textos dos alunos ou, pelo menos, a sua irrefutável irrelevância, compromete a qualidade desses textos. E a pobreza de repertório, falta de informação, não ter o que dizer não são problemas que se solucionam com regras de gramáticas nem com exercícios de análise sintática. Para

escrever bem, é preciso, antes de tudo, ter o que dizer, conhecer o objeto sobre o qual se vai discorrer.

A leitura, as práticas e as competências leitoras têm ocupado espaço considerável na educação e na mídia brasileira. Ler é muito mais que possuir um rico cabedal de estratégias e técnicas. Ler é sobre tudo uma atividade prazerosa, e quando ensina-se a ler deve-se levar isso em conta. Para Cafiero a leitura é:

Um processo cognitivo, histórico, cultural e social de produção de sentidos. Isso significa dizer: o leitor – um sujeito que atua socialmente, construindo experiências e histórias – compreende o que está escrito a partir das relações que estabelece entre as informações do texto e seus conhecimentos de mundo. [...] A aula de leitura, então, começa com o acionamento ou mobilização de conhecimentos anteriores do leitor. (2010, p. 86)

A leitura é uma atividade essencial a qualquer área do conhecimento. Está intimamente ligada ao sucesso do ser que aprende. Permite ao homem situar-se com os outros. A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto. A partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, o autor indica tudo o que sabe a língua e características do gênero; nesse contexto, o portador do sistema de escritas pela prática de leitura permitirá fazer relações entre o texto que está lendo com outros que já foram lidos.

Como quem aprende andar pela selva notando as pistas e sinais que lhe permitirão sobreviver, aprender a ler literatura dá oportunidade de se sensibilizar os indícios da linguagem, de converter-se em alguém que não permanece à mercê do discurso alheio, alguém capaz de analisar e julgar, por exemplo, o que se diz na televisão ou perceber as estratégias de persuasão ocultas em um anúncio. [...] se alude isso com a aquisição de uma capacidade crítica de “desmascaramento” da mentira, um meio para não cair nas armadilhas discursivas da sociedade. (COLOMER, 2007, p. 71).

A leitura é a base para o crescimento do aluno em qualquer disciplina, é a base para a formação crítica e consciente para a formação do cidadão.

Através do contato com o mundo simbolizado na literatura, a criança viaja para dentro ou para fora de si mesma, experimentando, por empatia, as sensações vividas pelas personagens e esta é uma forma de se autoconhecer e de conhecer o universo que a rodeia. (MARIA, 2002, p. 44)

É necessário dedicar mais tempo à leitura e à análise de textos interessantes, ricos em ideias ou imagens, sejam eles literários ou não, só assim os alunos terão o que dizer e ainda sentirão o prazer pela leitura. Afinal, é também por meio dela que o aluno aprenderá os padrões gramaticais peculiares à escrita, as formas de organização seqüencial e de apresentação dos diversos gêneros textuais. Em resumo, a realização da leitura implica ler para informar-se, ler para deleitar-se, ler para entender as particularidades da escrita, por isso é importante trabalhar a leitura no contexto escolar.

4 A INFLUÊNCIA DA LEITURA PARA A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DO LEITOR

Para que o ensino de literatura seja eficiente, ele deve iniciar no ambiente escolar desde o nível infantil com a perspectiva de uma escolarização em que a criança seja direcionada aos módulos de produção, interpretação, leitura e consumo da cultura letrada, incorporado a atividades de ensino e aprendizagem.

Sendo assim, a escola tem o papel de aproximar, incentivar o aluno nas práticas sociais de leitura e conduzi-lo ao perfil de leitor que pretende formar, ou seja, um leitor que impõe o posicionamento crítico e construtor. Por isso, o professor sendo o mediador do conhecimento, deve orientar a leitura de seus alunos e o estudo dos livros a fim de conduzir a análise dos textos em busca da essência da linguagem literária.

Os educadores devem conscientizar-se do dever do Estado de oferecer escola com qualidade e dignidade para os alunos e ao mesmo tempo aproximar-se de uma relação de respeito e consideração para com a comunidade. A renovação das ideias de ensino, dos métodos, das pedagogias é uma necessidade, o que é possível com diálogo e menos rigidez. Enquanto o educador pensar de forma opressora e autoritária, estará fomentando o medo e a inibição, promovendo um distanciamento que não contribui para a vivência afetiva na relação professor/aluno.

A leitura não deve ser um meio de decodificação de sinais, mas sim a inserção ao contexto que favoreça o envolvimento e a compreensão do sentido do texto. Ensinar a ler não significa alfabetizar ou simplesmente dominar o código escrito para, assim, decodificar as palavras escritas. O ensino da leitura deve nortear a ponte entre o significado construído pelo aluno e o significado corrente da expressão dos textos.

Paralelamente à leitura, está a escrita como um exercício que constitui uma atividade intelectual voltada ao ato de comunicar, entender, comover, registrar e criar o conhecimento. Esse exercício pode se realizado em todas as disciplinas da grade curricular da escola.

O professor que conta histórias para seus alunos colhe os benefícios, assim como os melhores frutos estarão ao sabor de seus alunos, os que aproveitarem se “deliciarão” com as histórias. Cabe aqui lembrar Cecília Meireles quando diz que “não se pode pensar numa infância a começar logo com a gramática

e retórica: Narrativas orais cercam a criança da Antiguidade, com as de hoje”. E acrescenta: “quase se lamenta menos a criança de outrora sem leitura especializada, que as de hoje sem os contadores de história” (MEIRELES, 1984, p. 55).

Em todos os níveis de escolaridade deveria haver tempo e espaço para o aluno ler, sentir o prazer da leitura, buscar o crescimento, conhecer os estilos de determinado escritores. Para garantir todas essas oportunidades, a escola deve motivar o aluno a aprender. Para os **Parâmetros Curriculares Nacionais** (PCN), a leitura é uma grande aliada na formação de leitores críticos.

A escola precisa ser um espaço mais amplamente aberto a todos os aspectos culturais do povo, e ir além do ensinar a ler e a fazer as quatro operações. Precisa investir em bons livros, considerando que a cultura de um povo se fortalece muito pelo prazer da leitura; e a escola representa a única oportunidade de ler que muitas crianças têm. É necessário propiciar nas salas de aula e na biblioteca a dinamização da cultura viva, diversificada e criativa, que representa o conjunto de formas de pensar, agir e sentir do povo brasileiro. (BRAGA, 1985, p. 7)

Para despertar na criança o interesse pela leitura, precisa-se exigir também a dedicação e participação da família, pois ela tem sobre a criança o poder de mediação do conhecimento, sendo seu espelho.

A criança aprende desde cedo com seu meio familiar, por isso jamais a família deverá se descuidar da educação de seus filhos, repassando somente para escola a tarefa de educá-los, de ampliar seus desejos de conhecimentos e também os estímulos pela leitura, porém, os pais são espelhos para os filhos.

É conveniente que os pais leiam literatura infantil para seus filhos quando estão ainda em processo de alfabetização, pois o interesse pela leitura é algo que o indivíduo vai adquirindo com o tempo no processo contínuo de sua vida. Pelo esforço dos pais, a criança passa a descobrir as grandes riquezas que existe em um livro e o que pode lhe proporcionar. É, portanto, favorável que a leitura faça parte de seus brinquedos e de suas atividades cotidianas.

Oliveira (2007) coloca sua opinião sobre a importância de os pais incentivarem seus filhos a ler, porque segundo o autor a descoberta da leitura se dá numa fase em que a ligação entre pais e filhos ainda é muito grande, por isso o afetivo está intimamente ligado nesse processo. Se a leitura for associada aos momentos de prazer, forma-se uma relação positiva com os livros. Muitas vezes as crianças imitam os pais, e dar exemplos sendo leitores contribui como modelo aos

filhos. Se a rotina dos pais incluir a leitura, aos olhos da criança o ato de ler parecerá natural e bom. Propiciar contato com a leitura de modo prazeroso deve ser, portanto, objetivo tanto da família, como da escola e da sociedade, instâncias contribuidoras para a formação de leitores.

5 METODOLOGIA

Este trabalho teve como base um estudo sobre aspectos da leitura e, para isso, fez-se necessário uma revisão bibliográfica de conceitos relacionados ao tema, à linguagem, aos gêneros discursivos e à inserção de leitura no espaço escolar no que diz respeito ao processo de ensino escolar.

Para este estudo utilizou-se a técnica da pesquisa classificada como documentação indireta. De acordo com Otani e Fialho (2012), a técnica de documentação indireta caracteriza-se pelas coletas de dados através de fontes primárias, nesse caso questionário de pesquisa ou fontes secundárias.

Tendo como referência os mesmos autores, em relação aos objetivos, este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa descritiva do fato com abordagem qualitativa e com procedimentos técnicos de um estudo de caso.

A partir de uma pesquisa de campo, com a aplicação de questionário direcionado aos alunos de ensino fundamental em séries finais, buscou-se a avaliação de aspectos que abordam a leitura inicialmente no ambiente escolar.

Após a realização da pesquisa e a análise dos dados, discorreu-se sobre a importância dada à leitura pelos leitores selecionados e, posteriormente, fez-se diagnóstico da influência que a leitura proporciona para a construção da identidade de leitores, diagnóstico obtido não somente por análise de pesquisa de campo, mas também por revisão bibliográfica.

Realizou-se um projeto de leitura com alunos dos 8º e 9º anos da Escola de Ensino Cristo Rei, sob a orientação da professora de Língua Portuguesa, Lilian de Oliveira. Este projeto teve como objetivo principal o incentivo à leitura de livros literários do acervo da biblioteca da escola.

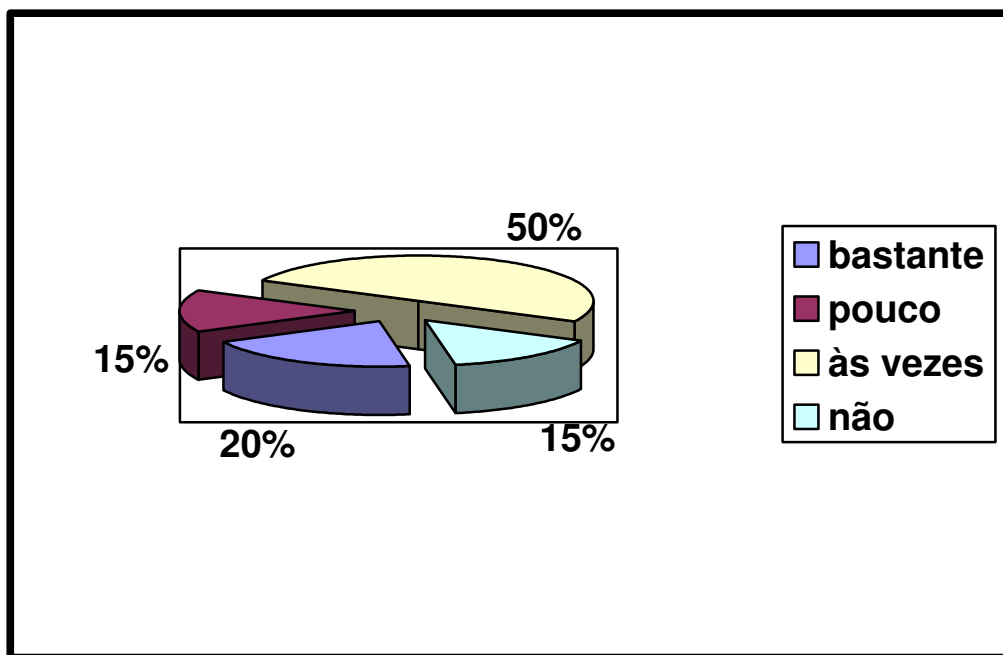
Num primeiro momento, foi realizada a aplicação de um questionário que abordou aspectos relacionados à atividade da leitura. O questionário apresentou oito perguntas objetivas, com opções de resposta. Num segundo momento, foi realizado um trabalho escolar bimestral envolvendo a leitura de livros literários do acervo da biblioteca da escola.

Cada aluno escolheu um livro literário para realizar sua leitura ora em algumas aulas da disciplina ora em sua casa. Após um prazo de aproximadamente 45 dias, realizou-se a apresentação oral e individual da leitura do livro. Foi possível observar que a maioria dos alunos se envolveu realmente e mergulhou no mundo da

leitura, pois durante a apresentação eram relatados detalhes que somente quem leu saberia informar.

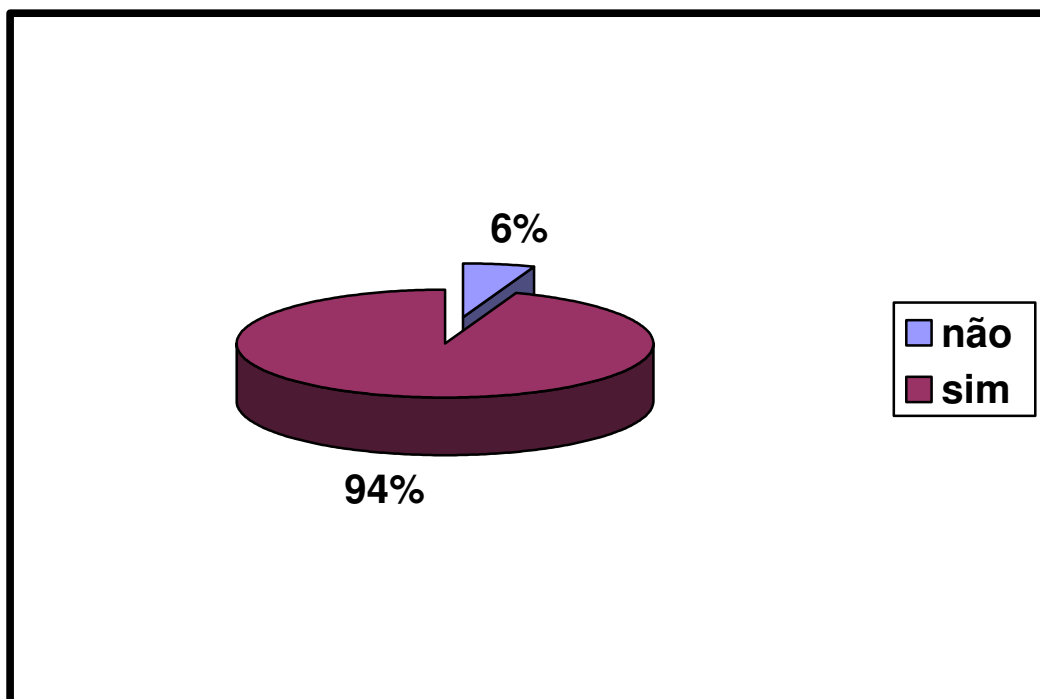
6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

1 - Você gosta de ler?



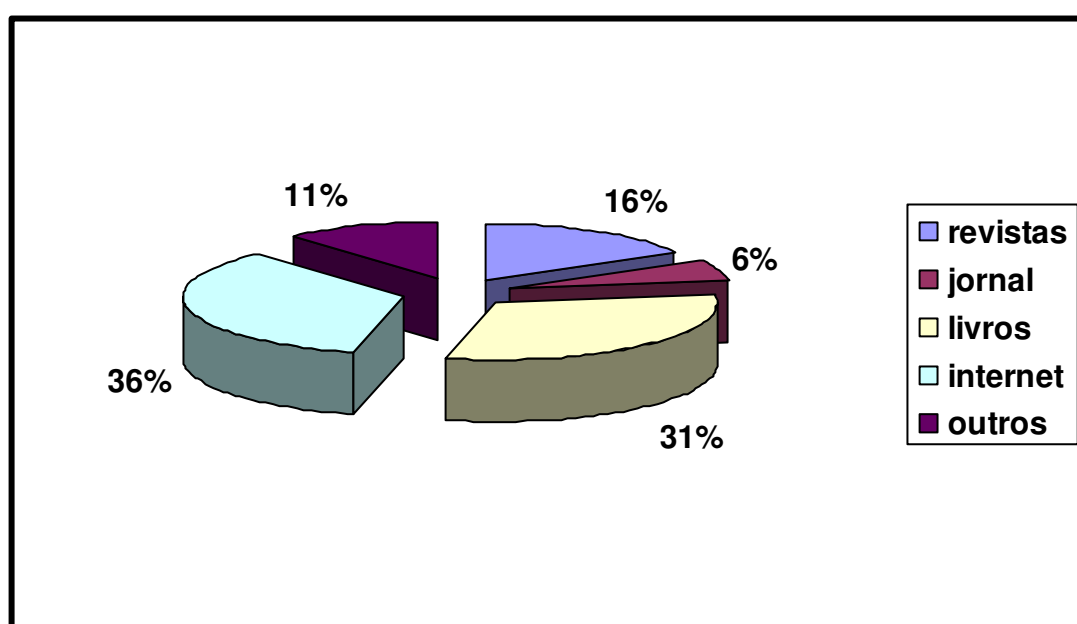
Na análise do gráfico, percebe-se que, quanto ao gosto pela leitura, 50% dos alunos colocaram que às vezes gostam de ler. Se pensarmos que o ensino da Língua Portuguesa deve ter o texto como objeto de estudo, cabe aos profissionais pensar se realmente os textos utilizados em sala de aula com os alunos pesquisados levam em conta os interesses do leitor ou somente os do professor, pois apenas 20% coloca que gosta de ler. Pode-se dizer que o texto não deve apenas ser corretamente escrito, mas como Antunes (2003) postula, deve ser bem ordenado, claro, interessante e adequado aos seus objetivos e aos seus leitores. Poderia-se pensar, então, que seria suficiente o professor encontrar temas que despertem o interesse dos alunos e trabalhar a leitura de modo a obter seus objetivos, mas a questão da leitura está relacionada aos hábitos, costumes e tradições, a cultura familiar e convívio social, como pretende-se ver e relatar mais adiante neste estudo.

2 - Você já leu algum livro?



Na questão dois, 94% dos alunos manifestaram que já leram algum livro. Dentro da realidade da escola pesquisada, percebe-se que muitos dos alunos que responderam que já leram realizam uma leitura superficial, sem parofundamento. Neste estudo, postula-se que a pessoa que realmente lê precisa atribuir sentido ao que lê e, para atribuir sentido, é necessário ter realizado outras leituras.

3 - O que você costuma ler?

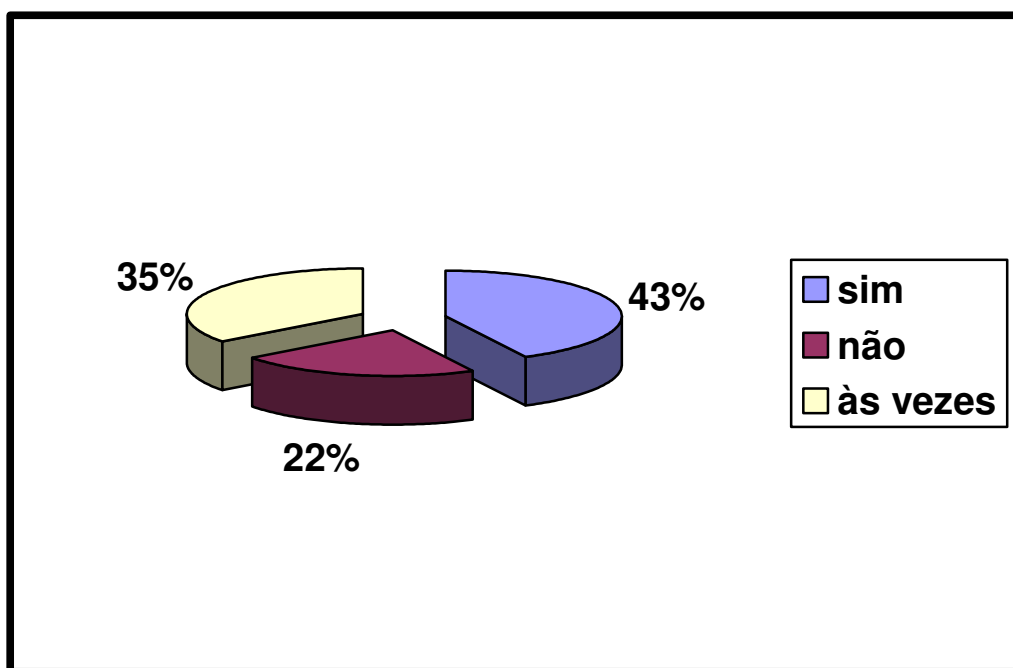


Quanto aos diferentes modos de acesso à leitura, ou seja, o que o aluno costuma ler e qual a fonte, 31% respondeu os livros, porém prevaleceu a Internet,

com 36%. Nesta questão percebe-se que os alunos utilizam muito o computador para fazerem pesquisas de outras disciplinas nas mais variadas áreas do conhecimento. Sendo assim, a leitura ganha um aspecto interdisciplinar porque, como explica Antunes (2003), para ela a leitura escolar dos textos de outras disciplinas representa uma oportunidade bastante significativa de aquisição de novas informações, pois as informações de um texto de Geografia ou de História podem ser bastante relevantes para apoiar os argumentos apresentados num comentário, por exemplo.

Neste ponto percebe-se que a escola precisa desenvolver ações e projetos para o incentivo do trabalho com os livros. Para Braga (1985), citado neste estudo, é necessário propiciar nas salas de aula e na biblioteca a dinamização da cultura viva, diversificada e criativa, que representa o conjunto de formas de pensar, agir e sentir do povo brasileiro.

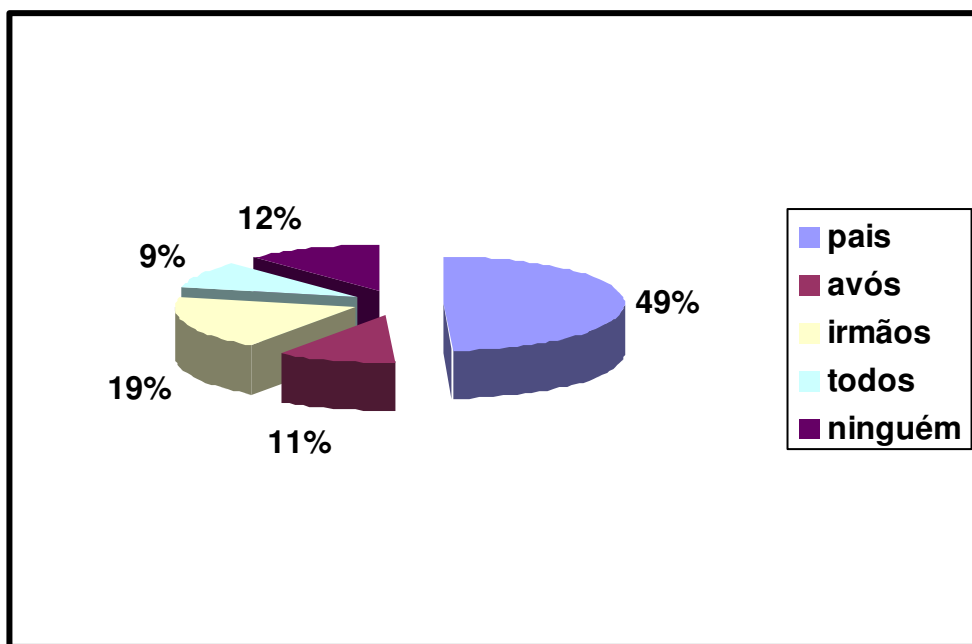
4- A sua família incentiva o hábito da leitura?



Praticamente quase metade respondeu que tem apoio e incentivo da família. Se considerarmos em termos de instituição escolar, essa realidade corresponde ao todo da escola, pois de modo geral praticamente metade da clientela da instituição pesquisada valoriza o ato de ler.

Metade dos alunos parecem não valorizar a leitura visto que ela representa valores que não foram cultivados no seio familiar. Sobre o incentivo ao habito de leitura, Góes (1984) vai além e coloca que o contato com os livros deve ser iniciado o mais cedo possível na família, seja pelo diálogo, pelo contato mãe-filho, pela história contada e pelo livro ao alcance da criança como qualquer brinquedo costuma ficar. É comum na comunidade que os pais se ausentem do lar em direção ao mercado de trabalho a fim de garantir sobrevivência. Os filhos, então, são compensados pela ausência com brinquedos e eletrônicos, mas com poucos livros. O diálogo também fica a desejar, causando desinteresse e apatia, rebeldia e dificuldade de aprendizado.

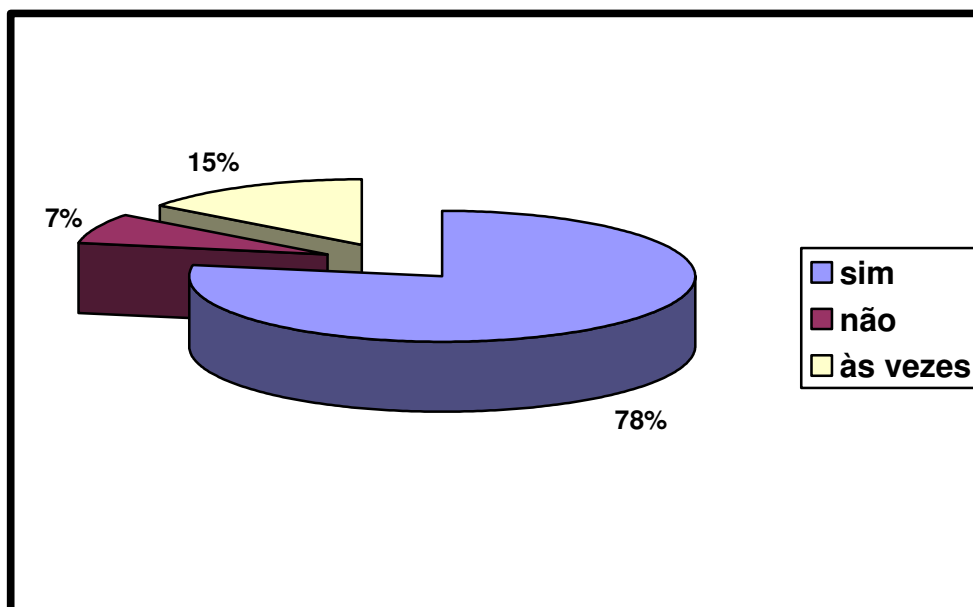
5- Alguém da sua família demonstra o gosto pela leitura?



Percebe-se que quem demonstra mais o gosto pela leitura e serve de exemplo aos alunos entrevistados são os pais, apesar de todas as dificuldades. Nota-se também que o tripé para o hábito de leitura certamente é a família, a escola e o professor, com seu fazer pedagógico. Pelo esforço dos pais, a criança passa a descobrir as grandes riquezas que existe em um livro. É, portanto, favorável que a leitura faça parte de seus brinquedos e de suas atividades cotidianas. Neste estudo postula-se que a criança que lê desde cedo, principalmente se for acompanhada

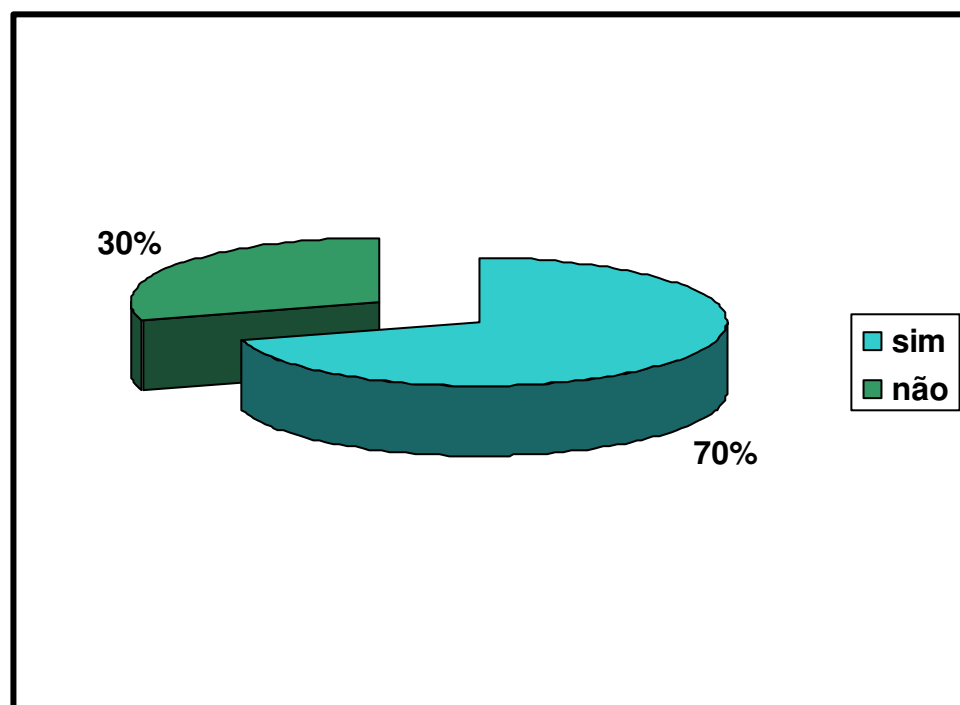
pelos pais, é beneficiada em diversos sentidos, aprende melhor, pronuncia melhor as palavras, desenvolve a criatividade, a imaginação e adquire cultura.

6- Você recebe incentivo da escola para a prática da leitura?



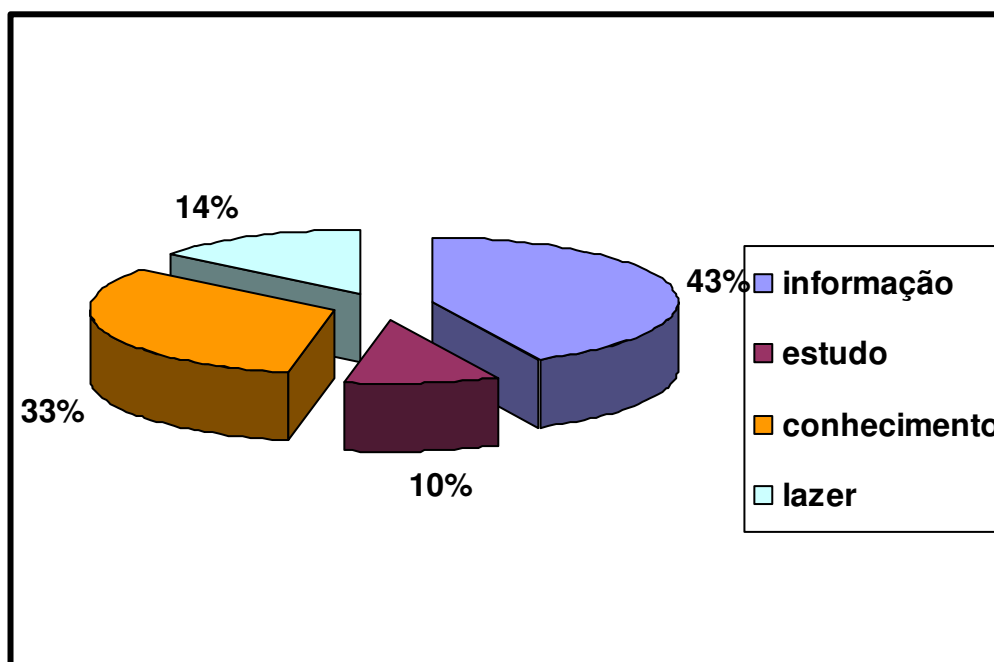
Quanto à escola, 78% dos alunos afirmaram receber incentivo para a prática de leitura ali. Neste estudo postula-se que os professores são, hoje em dia, os principais agentes de promoção da leitura junto às crianças, por isso mesmo as atividades de fomento e de orientação da leitura exigem dos mestres um adequado repertório de conhecimentos.

7- A escola dispõe de livros que você gostaria de ler?



Do total dos entrevistados, 70% afirma que a escola dispõe, em seu acervo, de livros que gostam de ler. Aparentemente, a escola atende à demanda dos alunos, ou seja da parcela que realmente pega o livro e lê. Neste estudo coloca-se as afirmações de Coelho sobre a função da escola quanto à leitura. Para ela, a escola deve ser um espaço privilegiado em que devem ser lançadas as bases para a formação do indivíduo.

8 - Qual o objetivo da sua leitura?



A questão 8 que mostra que 43% dos alunos leem em busca de informação, 33% de conhecimento, 10% para estudo e 14% por lazer. A leitura deve ser prazerosa, e não uma obrigação, para que o jovem leitor comece a fazer parte do mundo da leitura, valorizando os livros numa mescla de imagens e de escrita. Deve-se ler para informar-se, deleitar-se e entender as particularidades da escrita. A realidade dos alunos pesquisados mostra que a leitura como lazer está em último plano, pois culturalmente para eles a prioridade é sair, jogar, brincar e ver amigos. Então, por necessidade, procuram a leitura como meio de acesso à informação. Nesse sentido, percebe-se que a escola precisa trabalhar a leitura como fonte de prazer e deleite, e menos rigidez.

Na análise dos gráficos, percebe-se que, quanto ao gosto pela leitura, 50% dos alunos colocaram que às vezes gostam de ler. Na questão dois, 94% dos alunos manifestaram que já leram algum livro. Quanto aos diferentes modos de acesso à leitura, ou seja, o que o aluno costuma ler e qual a fonte, 31% respondeu os livros, porém prevaleceu a Internet, com 36%. Quanto ao incentivo da família no hábito da leitura, houve 43%, portanto a maioria afirmou que é incentivada pela família e 49% respondeu que os pais demonstram o gosto pela leitura, sendo assim, exemplo e referencial ao filho. Quanto à escola, 78% dos alunos afirmaram receber

incentivo para a prática de leitura e 70% que a escola, em seu acervo, dispõe de livros que eles gostam de ler. Há dados também relevantes na questão 8, que mostra que 43% dos alunos leem por informação, 33% por conhecimento, 10% para estudo e 14% por lazer.

Na análise dos gráficos, percebe-se que, quanto ao gosto pela leitura, 50% dos alunos colocaram que às vezes gostam de ler. Se pensarmos que o ensino da Língua Portuguesa deve ter o texto como objeto de estudo, pode-se dizer que a qualidade de um texto não está apenas na sua escrita correta. Como Antunes (2003) postula, o texto deve ser bem ordenado, claro, interessante e adequado aos seus objetivos e aos seus leitores, cabe aos profissionais pensar o fato se realmente os textos sugeridos em sala de aula com os alunos pesquisados atendem aos objetivos do leitor ou somente do professor, pois apenas 20% coloca que gosta de ler. Poderia-se pensar, então, que seria suficiente o professor encontrar temas que despertassem o interesse dos alunos e trabalhar a leitura de modo a obter seus objetivos, mas a questão da leitura está relacionada aos hábitos, costumes e tradições, à cultura familiar e ao convívio social, como pretende-se ver e relatar mais adiante neste estudo.

Afirma-se neste trabalho que motivar o prazer pela leitura não é uma das tarefas mais fáceis, todavia é uma das mais gratificantes que se possa conquistar ao longo da carreira. É importante que, nas aulas de leitura, o aluno faça perguntas, levante hipóteses, confronte interpretações, conte sobre o que leu e não apenas faça questionários de perguntas e respostas de localização de informações, e esse processo é mediado pelo professor, mas para isto o professor precisa estar aberto às novas práticas, um desafio aos educadores, sair da forma tradicional, do plano anual repetitivo anos após anos e inovar. Sendo assim, ele precisará consequentemente do apoio da escola e dos pais para juntos construirem algo bom e melhor, uma educação mais crítica e com mais qualidade.

Na questão dois, 94% dos alunos manifestaram que já leram algum livro. Dentro da realidade da escola pesquisada percebe-se que muitos dos alunos que responderam que já leram têm uma leitura superficial sem parofundar-se. A pessoa que realmente lê, segundo Cafiero (2010), não age apenas decodificando, juntando letras, sílabas, palavras, frases, porque para o autor ler é muito mais que decodificar. Ler é atribuir sentido. E para atribuir sentido é necessário ter outras leituras, saber interpretar e compreender o que se está lendo.

7 CONCLUSÃO

Conclui-se que, no ambiente escolar, é importante o cultivo do hábito da leitura no espaço da biblioteca, no Laboratório de Leitura, Literatura e Educação, lugar onde a prática de leitura não está restrita à pesquisa e à consulta, mas volta-se à satisfação de necessidades mais amplas do ser humano (culturais, afetivas, estéticas, etc.), bem como ao estímulo ao uso da literatura como elemento essencial para a formação do leitor e o despertar do trabalho com a oralidade no texto literário, aproveitando esse universo criativo para as várias possibilidades de leitura.

É necessário formar o professor como contador de histórias e criar conjuntamente metodologias que proporcionem a formação do gosto. Após muitas pesquisas e análises dos dados obtidos conclui-se que para o aluno ter um hábito de leitura e também gostar do que está fazendo existe um tripé que deve ser o incentivador, a família, a escola e o professor com sua prática pedagógica.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irlandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola editorial, 2003.
- BRAGA, Maria. **Leitura no cotidiano escolar**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, 1997.
- BRITO, Geovana; GUEDES, Mariza. **O resgate dos valores e posturas éticas das fábulas no contexto escolar**. Belém, PA: IDEPA, 2008. Disponível em: <http://idepa.l1.net2.com.br/full.php?pg=artigo_txt&idca=17&idc=13>. Acesso em: 15 out.2012.
- CAFIERO, Dalaine. **Letramento e leitura: formando leitores críticos**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.
- CASTRO, Amélia Hamze. O professor e o mundo contemporâneo. Jornal **O Diário Barretos**, opinião aberta, 8 jul. 2004.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. 1. ed. São Paulo: Ed. Global, 2009.
- COSTA, Vera Lúcia Pereira. **A Função Social da Escola**. Disponível em: www.drearaguaina.com.br/projetos/funcao_social_escola.pdf-, acesso em 20 de maio de 2013.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática para a liberdade**. 17. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- FREIRE, Paulo. **Política e educação**. 5a edição, São Paulo: Cortez, 2001.
- GÓES, L. P. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Pioneira, 1984.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 5. ed. revista e ampliada. Goiânia: Alternativa, 2004.
- LIBÂNEO, J.C.; OLIVEIRA, J.F.; TOSCHI, M.S. **Educação escolar: políticas estrutura e organização**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005. (Coleção Docência em Formação).
- MARIA, Luzia de. **Leitura e colheita: livros, leitura e formação de leitores**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

OLIVEIRA, Cristiane M. **A importância da família no hábito de leitura**. 2007. Disponível em: <http://WWW.grandez.com.br/litinf/trabalhos/> Acesso em: 29 de abril de 2012.

OTANI, Nilo; Fialho, Francisco Antônio Pereira. **TCC: métodos e técnicos**. 2. Ed. Florianópolis: Visual Books, 2011.

PÉREZ GÓMEZ, A. I. **As Funções Sociais da Escola**: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. In GIMENO SACRISTÁN, J.; PÉREZ GÓMEZ, A. I. **Compreender e Transformar o Ensino**. 4 ed. Porto Alegre: Art Med, 1998.

ROSENSTOCK-HUESSEY, Eugen. **A origem da Linguagem**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ROSING, Tânia M. K. Do currículo por disciplina à era da educação – cultura - tecnologias sintonizadas: processo de formação de mediadores de leitura. In: **Mediação de Leitura** – discussões e alternativas para a formação de leitores. São Paulo: Global, 2009.

RISSO, Suzana Aparecida. **A importância da literatura infantil na formação do indivíduo durante o processo de aprendizagem**. UNOESTE, 2010.

SAVIANI, D. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1980.

SOARES, Magda. **Linguagem e Escola: uma perspectiva social**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1988.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Questionário aplicado aos alunos sobre a prática da leitura.

Este questionário foi aplicado em novembro de 2011, com 40 alunos do 8º ano e 53 alunos do 9º ano da Escola de Ensino Fundamental Cristo Rei.

1- Você gosta de ler?

☐ bastante ☐ pouco ☐ algumas vezes ☐ não gosto

2- Você já leu algum livro?

☐ sim ☐ não

3- O que você costuma ler?

☐ revistas ☐ jornal ☐ livros ☐ internet ☐ outros

4- A sua família incentiva o hábito da leitura?

☐ sim ☐ não ☐ às vezes

5- Alguém da sua família demonstra o gosto pela leitura?

☐ pais ☐ avós ☐ irmãos ☐ todos ☐ ninguém

6- Você recebe incentivo da escola para a prática da leitura?

☐ sim ☐ não ☐ às vezes

7- A escola dispõe de livros que você gostaria de ler?

☐ sim ☐ não

8- Qual o objetivo da sua leitura?

☐ Informação ☐ estudo ☐ conhecimento ☐ lazer

ANEXOS

ANEXO A – FOTOS DOS ALUNOS PESQUISADOS

As fotos abaixo foram registradas com autorização dos alunos no dia da apresentação do trabalho do livro de leitura. Em seguida estão as imagens registradas no decorrer do projeto de leitura.

Figura 1 - Turma 702 na prática de leitura



Fonte: Próprio autor.

Figura 2 - Turma 702 contando o teor do livro lido



Fonte: Próprio autor.

Figura 1 - Turma 803 na prática de leitura



Fonte: Próprio autor.

Figura 2 - Turma 803 respondendo ao questionário



Fonte: Próprio autor.